

## Sobre a natureza da filosofia: Wittgenstein e o Pirronismo<sup>1</sup>

Paulo Roberto Margutti Pinto<sup>2</sup>

### ABSTRACT:

Certain authors try to approximate the Pyrrhonian conception of the nature of philosophy to the later Wittgenstein. In opposition to them, this work tries to show that this is a mistake. The approaches are essentially different and their similarities are merely superficial.

### RESUMO:

Certos autores tentam aproximar a concepção pirrônica da natureza da filosofia ao Segundo Wittgenstein. Em oposição a eles, este trabalho tenta mostrar que isto é um equívoco. Estas filosofias são essencialmente diferentes e suas semelhanças, meramente superficiais.

### I - Introdução

Este trabalho é o resultado de um período de alguns meses de discussões sobre Pirronismo, realizadas pela Linha de Pesquisa em Lógica e Filosofia da Ciência do Departamento de Filosofia da UFMG. Tais discussões foram motivadas principalmente pelo trabalho de um grupo de filósofos brasileiros que têm atuado no sentido de fazer renascer as idéias céticas no Brasil, através da criação de uma tendência que tem sido denominada 'Neopirronismo'. Um dos assuntos sempre presentes nos debates é a tentativa de aproximar, de alguma forma, o Pirronismo e a filosofia do Segundo Wittgenstein. O interessante artigo de Plínio Smith, intitulado "Wittgenstein e o Pirronismo: sobre a natureza da filosofia" e publicado em 1993, ilustra muito bem este fato. Ali, o autor conclui que estamos diante de duas concepções de filosofia aparentadas.<sup>3</sup> Fazendo uma comparação do ponto de vista da concepção da natureza da filosofia, Plínio Smith considera que as semelhanças entre o Pirronismo e o Segundo Wittgenstein são profundas, enquanto as diferenças se revelam superficiais. Tentativas semelhantes podem ser encontradas nos trabalhos de Danilo Marcondes Filho e Oswaldo Porchat.

---

<sup>1</sup> Publicado em KRITERION, v.35, nº 93, jan a jun de 1996, p. 164-83.

<sup>2</sup> Depto de Filosofia da UFMG.

<sup>3</sup> Smith (1993: 184).

Em minha opinião, essa aproximação é equivocada. Em oposição à interpretação destes autores, considero que a comparação de fato nos leva a concluir que, apesar de algumas semelhanças superficiais, as duas filosofias diferem radicalmente. Para mostrar isso, pretendo comparar a concepção de filosofia do Pirronismo, tal como descrito por Sexto Empírico nas “Hipotiposes Pirroneanas”, com aquela do Wittgenstein das “Investigações Filosóficas”. São as seguintes as razões que me levaram a optar por esta comparação. Em primeiro lugar, porque os autores mencionados nem sempre distinguem com clareza o Wittgenstein do “Tractatus” daquele das “Investigações”, utilizando, algumas vezes, teses de uma obra para justificar a aproximação com a outra.<sup>4</sup> Em segundo, porque o Neopirronismo ainda se encontra em uma fase muito inicial, apresentando-se presentemente como uma escola à procura de uma doutrina definida. Em terceiro e último lugar, porque não me parece que os neopirrônicos estejam interpretando corretamente as principais doutrinas do Pirronismo no que diz respeito à forma de obtenção da suspensão ou epoché.

Assim, em nome da clareza das idéias, procurarei no presente trabalho mostrar em que medida o Pirronismo descrito por Sexto Empírico nas “Hipotiposes” e o Wittgenstein das “Investigações” se distinguem radicalmente do ponto de vista da concepção da natureza da filosofia, o que permitirá concluir que as semelhanças apontadas por Plínio Smith nada mais são do que felizes coincidências. Para tanto, vou dar os seguintes passos. Em primeiro lugar, tentarei mostrar, através de uma comparação da trajetória da investigação pirrônica com a do Segundo Wittgenstein, que as concepções de filosofia envolvidas são essencialmente diferentes. Uma vez estabelecida a diferença radical, procurarei analisar, em segundo lugar, as semelhanças que Plínio Smith alega haver entre as duas filosofias, revelando o seu caráter eminentemente superficial. Em terceiro e último lugar, procurarei tirar algumas conclusões da análise feita. Quando chegar a este ponto, espero ter deixado claro que a aproximação entre o Pirronismo e o Segundo Wittgenstein é equivocada.<sup>5</sup>

## II - As diferenças radicais entre o Pirronismo e o Segundo Wittgenstein

---

<sup>4</sup> Ver, p. ex., Smith (1993: 172).

<sup>5</sup> Num interessante artigo, Watson faz uma aproximação entre a crítica de Sexto ao representacionalismo e a de Wittgenstein ao fenomenalismo (Cfr. Watson 1969). Trata-se, porém, de uma aproximação feita a partir de detalhes das duas filosofias, e não de uma aproximação geral, como a de Plínio Smith. Apesar de considerar a proposta de Watson também equivocada, não poderei, por razões de espaço, analisá-la aqui.

Para que seja possível efetuar uma boa comparação entre as duas filosofias, é necessário mostrar a maneira pela qual cada uma delas estrutura a investigação dos problemas filosóficos e obtém seus respectivos resultados.

Começemos pelo cético pirrônico. Sexto descreve da seguinte maneira o percurso da sua investigação:

homens de grande talento, perturbados pela ausência de equilíbrio das coisas, na falta de saber a quais delas dar o assentimento, vieram a procurar o que elas encerram de verdadeiro e de falso, com a intenção de chegar à ataraxia depois de ter decidido a seu respeito (id.: I, 12).

Mais adiante, Sexto acrescenta:

Depois de ter começado a filosofar sobre a distinção das representações e sobre o conhecimento das verdadeiras e das falsas, de maneira a atingir a ataraxia, ele [o cético] caiu numa discordância de força igual, de forma que ele se absteve de resolver, por não poder fazê-lo; a esta suspensão do juízo, por um feliz acaso, seguiu-se a ataraxia com respeito àquilo que é objeto de opinião (id.: I, 26).

A partir destas passagens das “Hipotiposes”, acredito ser possível identificar as seguintes etapas na investigação pirrônica:

1ª Etapa: Perturbação. É o ponto de partida, quando o desequilíbrio das coisas no mundo torna difícil decidir a qual delas dar assentimento.

2ª Etapa: Investigação (zétesis). Motivado pelo estado de perturbação em que se encontra, o cético passa a procurar aquilo que as coisas encerram de verdadeiro ou de falso. Neste momento, ele pesquisa a distinção entre as diversas representações e o conhecimento das verdadeiras e das falsas. Ele age assim porque acredita otimisticamente que ser possível decidir a este respeito e que o resultado ser a obtenção da ataraxia através da eliminação da perturbação que o incomoda. Vale observar que esta investigação abarca praticamente todos os problemas filosóficos e as soluções dogmáticas mais importantes do passado e do presente.

3ª Etapa: Equipolência (isosthéneia). Apesar do otimismo que caracteriza a etapa anterior, o resultado da investigação cética acaba por levar a teses opostas de força igual em todas as questões

estudadas, mostrando que cada uma de tais questões é indecidível. Em outras palavras, cada um dos problemas filosóficos que perturba o cético gera uma investigação específica que culmina numa equipolência específica. Ele é forçado, contra a sua vontade, a entrar em estado de suspensão com respeito a cada um dos problemas considerados. Trata-se, porém, neste ponto, de suspensões parciais, que ainda não afetam a atitude geral do cético para com a filosofia.

4ª Etapa: Suspensão (epoché). Frustrado diante da equipolência das teses opostas em todas as questões investigadas, o cético, numa atitude claramente emocional, resolve abster-se de resolver toda e qualquer questão filosófica. O estado de suspensão obtido a partir dessa atitude não se refere a uma solução dogmática específica para um problema específico, mas sim a todas as soluções dogmáticas para todos os problemas enfrentados ou por enfrentar. A partir de agora, quando apresentarem ao cético um argumento que ele não é capaz de resolver, sua resposta será:

[...] é possível que o argumento oposto àquele que me propondes agora exista conforme à natureza, mas não nos aparece ainda (...) (Sexto 1948: I, 34).

No estado de suspensão em que se encontra, o cético considera que não é necessário dar assentimento sequer a um argumento que parece sólido no momento presente. Ele desiste de resolver tais problemas e entra em estado de suspensão geral com respeito a toda a filosofia dogmática.

5ª Etapa: Tranquilidade (ataraxia). Ao entrar no estado de suspensão geral acima mencionado, o cético consegue inesperadamente atingir a tranquilidade que buscava no início da investigação. Sexto descreve este importante passo da seguinte maneira:

O que se conta do pintor Apele acontece de ordinário com o Cético. Pintando, conta-se, um cavalo e tendo desejado reproduzir pelo desenho a espuma do cavalo, ele fracassou a ponto de renunciar e de lançar sobre o quadro a esponja com a qual ele limpava as cores dos pincéis; e esta, por contato, reproduziu a espuma do cavalo. Os Céticos esperavam então atingir a ataraxia julgando a diferença que existe entre as aparências e os conceitos; incapazes de fazê-lo, eles suspenderam o juízo; por um feliz acaso, a ataraxia seguiu-se para eles à suspensão do juízo, da mesma forma que a sombra segue o corpo (1948: I, 28-9).

Como se pode ver, frustrado por não conseguir desenhar de maneira satisfatória a espuma do cavalo, Apele, em desespero, lança a esponja contra o quadro e consegue realizar seu objetivo de maneira completamente fortuita. De maneira semelhante, frustrado por não conseguir resolver as

questões metafísicas e desse modo tranquilizar sua mente, o cético, também em desespero, entra em estado de suspensão com respeito à filosofia e redescobre, de maneira igualmente fortuita, a tranquilidade perdida. Abstendo-se de resolver os problemas filosóficos neste sentido geral que abarca toda a filosofia dogmática, o cético fortuitamente atinge o estado de ausência de perturbação que ele supunha poder alcançar somente se fosse capaz de decidir com certeza a que coisa dar o seu assentimento. O estado atarácico é tão satisfatório que o cético decide permanecer a todo custo no estado de suspensão que o gerou. A partir de agora, ele não mais assumir qualquer posição filosófica, limitando-se a descrever suas disposições de ânimo momentâneas.

Em síntese, a atividade filosófica, do ponto de vista do Pirronismo, envolve duas fases distintas. A primeira corresponde às investigações que se iniciam com perturbações específicas e esbarram nas equipolências das teses dogmáticas opostas em todas as questões. O resultado é o estado de paralisação e perplexidade com respeito a cada uma das questões consideradas. Até aqui, a finalidade da investigação é encontrar a verdade. A segunda fase corresponde ao estado de suspensão geral com respeito à filosofia dogmática, suspensão esta que vem acompanhada da ataraxia. Agora, a tranquilidade obtida torna valiosa a preservação do estado de suspensão: a finalidade da investigação passa a ser a defesa da epoché. Na primeira fase, o cético permanece perturbado e frustrado; ao passar para a segunda, ele elimina a perturbação e a frustração, atingindo inesperadamente o estado de tranquilidade intelectual. Mas é importante notar que a passagem da primeira para a segunda fase não se justifica teoricamente: ela é feita através de uma reação emocional de caráter intempestivo, como bem o ilustra a metáfora do pintor Apele.

Na perspectiva do Segundo Wittgenstein, a investigação se desenvolve de maneira diferente. Suas etapas são as seguintes:

1ª Etapa: Inquietação profunda (*tiefe Beunruhigung*). Uma dada questão filosófica gera um estado de inquietação que nos perturba (Wittgenstein 1953: 111, 112, 125).

2ª Etapa: Investigação. A perturbação assim gerada nos leva a investigar a questão para solucioná-la e voltar à tranquilidade inicial. Todavia, ao invés de tentar responder diretamente à questão filosófica tal como a mesma se coloca, Wittgenstein faz um desvio inesperado. Ele concentra sua atenção nas palavras utilizadas para formular a própria questão filosófica e indaga como são elas usadas nos jogos de linguagem aos quais pertencem. Em outros termos, ao invés de aceitar a questão e tentar respondê-la sem mais, Wittgenstein pergunta em primeiro lugar, com base na lógica da linguagem cotidiana, se a questão pode de fato ser formulada da maneira que o foi.

3ª Etapa: Dissolução do problema. A resposta a esse novo tipo de pergunta costuma ser surpreendente. A investigação exhibe um grande número de exemplos de usos das palavras filosóficas em diversos jogos de linguagem. O resultado consiste em mostrar que a questão filosófica surgiu a partir da má compreensão do funcionamento da nossa linguagem. Isso dissolve a questão. E o procedimento pelo qual se consegue isto é o de trazer de volta a palavra de seu uso metafísico para o seu uso cotidiano (Wittgenstein 1953: 116).

4ª Etapa: Retorno à tranquilidade primitiva. Dissolvido o problema filosófico, desaparece a causa da inquietação inicial que gerou a investigação do uso linguístico; desaparecida a causa dessa inquietação, a mente retorna ao estado de tranquilidade intelectual em que se encontrava antes de defrontar-se com o problema filosófico.

Como se pode ver, a atividade filosófica no Segundo Wittgenstein constitui uma espécie de terapia para eliminar a inquietação filosófica através da dissolução da questão que a originou, mostrando que esta última surgiu a partir do uso incorreto de uma dada palavra. Não há, contudo, uma única terapia no exercício dessa atividade: cada questão filosófica constitui uma doença particular que exige um tratamento também particular.

Uma vez estabelecidas as trajetórias percorridas pelo cético pirrônico e pelo Segundo Wittgenstein em suas respectivas investigações, podemos agora partir para a comparação das concepções de filosofia envolvidas. Tudo indica que essa comparação revelará diferenças fundamentais.

Em primeiro lugar, parece claro que as duas concepções surgem a partir de questões diferentes que são formuladas e resolvidas a partir de perspectivas diferentes. O pirrônico inicia a análise no plano teórico da filosofia dogmática para depois abandoná-lo através da decisão prática de entrar em estado de suspensão geral. A meu ver, isto constitui a originalidade da solução pirrônica.<sup>6</sup> Ao atingir este último, o cético obtém por acaso a almejada tranquilidade. Percebendo

---

<sup>6</sup> Esta não é a opinião de Porchat, que procura dar razões teóricas para a epoché. Em "Ceticismo e Argumentação", p. ex., ele afirma que o cético "não se deixará fascinar por uma doutrina que exhiba argumentos aparentemente convincentes, mesmo se ele não dispõe no momento de argumentos a opor-lhes; não cairá em pecado de precipitação. À luz de toda sua experiência passada, sua expectativa não é mais a da descoberta da verdade, mas tão-somente a da tranquilidade que segue a suspensão do juízo. E esta renovação da epoché, o cético a espera, uma vez mais, da conformação de uma situação de isostheneia: porque tudo indica que, como sempre aconteceu no passado, à doutrina que ora aparece atraente e válida, outra virá a opor-se, que ainda não se consegue no momento articular" (1993: 230). Esta posição parece-me insustentável pelas seguintes razões. Primeiro, porque o próprio Porchat, ao dizer que a expectativa do cético não é mais a da descoberta da verdade, mas sim a ataraxia, reconhece o deslocamento do plano teórico para o da prática, deslocamento este que constitui a manobra argumentativa original do pirronismo. Segundo, porque, para justificar teoricamente a suspensão, ele é obrigado a afirmar que "tudo indica" que, a uma doutrina agora aparentemente válida, outra igualmente válida virá a opor-se. Ao fazer isso, Porchat cai no mesmo pecado da precipitação que ele atribui aos seus adversários dogmáticos. A rigor, teoricamente "nada indica" que à doutrina presentemente válida deverá opor-se uma outra igualmente válida.

que epoché contínua significa ataraxia contínua, ele decide permanecer em estado de suspensão geral e passa a encarar as questões da filosofia dogmática deste ponto de vista. Daí o procedimento que ele adota de opor, a cada tese dogmática que lhe é apresentada, uma tese contrária que tenha força igual. A equipolência assim obtida não só induz o adversário dogmático à suspensão, como também, e principalmente, resguarda o estado de "tranquilidade ininterrupta e a serenidade da alma" (id.: I, 10) em que o cético se encontra. Abandonada a filosofia dogmática, retorna ele à vida prática, gozando as delícias do abandono das perplexidades geradas pelas posições teóricas. É neste sentido que se pode dizer que o Pirronismo não coloca em questão a aparência como tal, mas sim os juízos que fazemos sobre a aparência:

[...] o mel nos parece doce. Nós o admitimos, porque temos a sensação de doçura. Pesquisamos se o mel é doce por essência; ora, isto não é a aparência, mas um juízo sobre a aparência (Sexto 1948: I, 20).

O 'juízo sobre a aparência' é um juízo dogmático sobre a essência. Está claro que o cético não questiona o fato do mel parecer doce. O que ele questiona é o juízo que estabelece a doçura como a essência do mel. Contra isso, ele proporá um juízo de força igual que se oponha a este fato, alcançando a equipolência. Mais ainda: como já foi dito, se alguém lhe apresentar um argumento aparentemente irrefutável sobre a essência do mel, ele sempre poderá retrucar que não é necessário dar assentimento a tal argumento, já que outro de força igual poderá surgir no futuro (id.: I, 33-4). Dessa forma, a ataraxia, a vida prática sem preocupações teóricas, fica resguardada de qualquer investida dogmática.

O Segundo Wittgenstein, por sua vez, permanece o tempo todo no mesmo plano de análise. Este último, contudo, baseia-se no uso comum das palavras da nossa linguagem. Neste sentido, a estratégia argumentativa wittgensteiniana se caracteriza por uma modificação fundamental na atitude da filosofia tradicional, aí incluído o Pirronismo. Para ilustrar como isso ocorre, voltemos à citação de Sexto. No caso considerado, parece claro que o filósofo dogmático e, juntamente com ele, o cético, centram a discussão em torno da questão 'o que é o mel?'. Wittgenstein troca esta questão por outra, relativa ao uso que fazemos da palavra 'mel' na linguagem cotidiana. Assim agindo, ele se coloca numa perspectiva tal que a questão filosófica em torno da essência do mel ser

---

Do ponto de vista teórico, na pior das hipóteses, esta conclusão é obtida por meio de uma generalização apressada, que constitui uma das formas de precipitação; na melhor das hipóteses, ela é obtida por meio de uma indução, que também constitui, pela insuficiência de garantias que oferece, uma outra forma de precipitação.

julgada a partir do uso cotidiano da palavra 'mel'. Levando em conta a formulação das questões filosóficas geralmente envolve um tipo de uso das palavras que constitui uma espécie de "desvio" com relação ao uso ordinário, podemos concluir que a estratégia de Wittgenstein consiste em avaliar, a partir da linguagem ordinária ela mesma, a viabilidade de tais "desvios". A aposta feita é a de que a nova questão será mais tratável e produzirá, como resultado, um maior esclarecimento sobre a lógica da palavra 'mel', lógica esta que poderá mostrar ser um equívoco linguístico a pergunta sobre a essência do mel. A análise wittgensteiniana não leva à equipolência e à opção pela suspensão, mas à dissolução pura e simples do problema. A vida prática não foi abandonada em momento algum, mas serviu de critério para a avaliação e posterior dissolução do problema filosófico. Isto implica em adotar, diferentemente do caso do cético pirrônico, um ponto de vista pragmático do início ao fim do processo de investigação. Assim, tanto as perspectivas adotadas quanto as questões fundamentais são profundamente diferentes nas duas filosofias consideradas.

Em segundo lugar, se as diferenças que acabei de mencionar são verdadeiras, então as terapias utilizadas em cada caso são radicalmente diferentes. O cético pirrônico, na primeira fase de sua investigação, aceita as questões metafísicas como tais e é forçado a aceitar sua indecidibilidade. Na segunda fase, contudo, ele entra em estado de suspensão com respeito à filosofia dogmática e evita tomar qualquer posição. Para induzir seu adversário dogmático a também entrar em suspensão geral e atingir a ataraxia, ele deve mostrar a indecidibilidade das questões filosóficas. Nesse espírito, ele utiliza duas táticas argumentativas. A primeira é a da lista dos 'modos' ou argumentos que fazem concluir pela suspensão (id.: I, 35 ss.). Através deles, o pirrônico lista todas as razões que justificam a suspensão relativamente à filosofia dogmática. É certo que, já se encontrando em suspensão, ele deve acrescentar que não tem certeza de seu número ou de sua força. Mesmo assim, dependendo do interlocutor, os modos poderão ser úteis na tarefa de induzir à suspensão pirrônica. A segunda tática é a de estabelecer oposições entre juízos que tratam da essência das coisas. Se o interlocutor é refratário aos modos, resta ao cético o procedimento de opor, a cada nova tese dogmática apresentada, outra tese de força igual, estabelecendo a equipolência. Mas o cético já se encontra em suspensão e não acredita nos argumentos envolvidos da mesma forma que seu interlocutor dogmático. Ele apenas se utiliza deles para forçar a suspensão. Nos dois casos, a terapia pirrônica se exerce de forma tal que, encontrando-se em suspensão, o cético não se

compromete com qualquer das teses envolvidas, utilizando-as apenas de maneira instrumental.<sup>7</sup> O importante é preservar a própria suspensão e a ataraxia que a acompanha, induzindo o adversário a atingir o mesmo estado. Neste sentido, pode-se dizer que a palavra 'investigação' tem dois sentidos diferentes no Pirronismo: antes da epoché, ela é entendida como 'busca da verdade'; depois da epoché, como 'busca da equipolência'.<sup>8</sup>

Quanto ao Segundo Wittgenstein, ele transforma os problemas metafísicos em problemas de descrição da gramática da nossa linguagem e utiliza o método de esclarecer o modo de funcionamento desta gramática, multiplicando os exemplos de usos e analogias envolvidos. O resultado costuma ser a constatação de que o problema metafísico original constitui um equívoco linguístico. Isto não é a mesma coisa que passar intempestivamente para o estado de suspensão geral em virtude da indecidibilidade dos problemas filosóficos até então considerados. A atitude pirrônica consiste em abandonar o plano da discussão teórica em benefício da vida prática. Num espírito muito diferente, a terapia wittgensteiniana consiste simplesmente em usar a técnica de dissolver cada problema mediante a análise do uso comum das palavras envolvidas. Wittgenstein se mantém o tempo todo no mesmo plano, a saber, o da avaliação do problema filosófico a partir da linguagem comum.

Em terceiro lugar, o significado, o modo de obtenção e a qualidade da ataraxia é diferente nas duas filosofias. No Pirronismo, a 'ataraxia' é uma noção de caráter fundamentalmente ético, que reflete o tipo de preocupação das escolas filosóficas da época, como o Estoicismo e o Epicurismo. Não é à toa que Sexto define o ceticismo como uma orientação que ensina a bem viver. É este caráter ético que permite a passagem das equipolências particulares, alcançadas nas investigações particulares correspondentes, para a suspensão geral com respeito à filosofia dogmática. Não me parece haver outra maneira razoável de explicar o salto que o pirrônico efetua, quando passa do plano da investigação teórica para o da atitude de suspensão geral acompanhada de ataraxia. Além disso, como já foi observado na analogia com o pintor Apele, a tranquilidade intelectual final é alcançada de maneira inteiramente fortuita.<sup>9</sup> Estas poucas considerações já são suficientes para

---

<sup>7</sup> Na opinião de Porchat, "o pirronismo faz o dogmatismo assim servir à denúncia do dogmatismo, ele usa o dogmatismo instrumentalmente" (1993: 231).

<sup>8</sup> Ver, a este respeito, o interessante e esclarecedor artigo "Zetesis", de Ezequiel Olaso (1988), com cujas opiniões concordo inteiramente.

<sup>9</sup> Em minha opinião, isto significa que, a rigor, o cético não pode afirmar a existência de qualquer conexão entre a suspensão geral e a ataraxia. Da mesma forma que a esponja de Apele, lançada de outro modo, poderia não reproduzir com sucesso a espuma do cavalo, a suspensão geral, feita por pessoas diferentes ou em circunstâncias diferentes, poderia não levar ao feliz acaso da ataraxia. Sexto Empírico não tem qualquer garantia de que o apelo à suspensão geral irá automaticamente propiciar ao seu interlocutor

sugerir que a ataraxia buscada pelo cético pirrônico não parece corresponder, de modo algum, ao estado de ausência de inquietação intelectual buscado por Wittgenstein.

No caso deste último, o significado, o modo de obtenção e a qualidade da tranquilidade final são completamente diversas. Com efeito, a trajetória aqui proposta se estende da inquietação inicial, gerada pelo problema filosófico, para a investigação do uso linguístico, que, por sua vez, leva à dissolução do próprio problema; em consequência, obtém-se a tranquilidade intelectual. Como se pode ver, a tranquilidade obtida não é fortuita em Wittgenstein: há uma conexão clara entre ela e aquilo que a produziu. Em outras palavras, é o problema filosófico que causa a inquietação; dissolvido o problema através da análise do uso linguístico, fica eliminada a causa da inquietação, que assim desaparece do nosso horizonte intelectual. O Segundo Wittgenstein tem, assim, todas as garantias de que, se a análise do uso linguístico conseguir dissolver o problema filosófico, ela automaticamente eliminar a inquietação gerada pelo problema. Na maior parte dos casos, a dissolução do problema não deve estar associada ao sentimento de frustração, mas sim ao de grata surpresa: aquilo que aparecia como um problema difícilíssimo ou até mesmo insolúvel subitamente se revela como um pseudo-problema, gerado pela má compreensão do uso de certas palavras de nossa linguagem. Supera-se uma etapa da vida que se anunciava complicada; ganha-se tempo e economiza-se uma enorme quantidade de esforço intelectual. Neste sentido, parece muito claro que a tranquilidade intelectual obtida ao final da investigação wittgensteiniana é de qualidade superior à ataraxia obtida pelo cético pirrônico. Quanto ao significado da tranquilidade obtida, vale a pena lembrar que ela não constitui o objetivo principal duma orientação sectária que busca o bem viver. O que Wittgenstein faz é simplesmente eliminar uma dentre as inúmeras inquietações de

---

dogmático a almejada tranquilidade. A propósito disso, parece-me conveniente lembrar aqui o segundo modo de Enesídemo, segundo o qual os homens, pelo fato de serem diferentes, são afetados de maneiras diferentes pelas coisas (id.: I, 79-89). Neste sentido, a ataraxia cética é de qualidade discutível. O tão elogiado purgante de Sexto Empírico é de efeito duvidoso e seus efeitos colaterais poderiam ser indesejáveis. Além disso, a frustração que turva o horizonte intelectual do cético em regime de suspensão de juízo poderia levá-lo à tentativa de buscar alguma âncora em um outro domínio, como, p. ex., o da fé. Desse ponto de vista, parece-me plausível avançar a sugestão de que a isothéneia admite duas saídas igualmente válidas. Por um lado, o cético pode, como descreve Sexto Empírico, suspender o juízo pura e simplesmente; por outro, ele pode simultaneamente suspender o juízo e refugiar-se na fé. Assim, a situação de equipolência parece colocar-nos diante de duas saídas também equipolentes, a saber: a) suspensão do juízo pura e simples; b) suspensão do juízo acompanhada de refúgio na fé. A segunda alternativa faz lembrar o espírito trágico de Pascal, que se apavora com o silêncio eterno dos espaços infinitos. É certo que sua evolução intelectual não corresponde à do cético pirrônico. Todavia, enquanto posição final resultante de um sofrido processo de investigação, ele ilustra muito bem a alternativa da inquietação que continua mesmo após a suspensão do juízo e do refúgio na fé como a única âncora de salvação. Como decidir-se objetivamente por uma delas?

nossa vida, a saber, uma determinada inquietação intelectual. Outros tipos de inquietação que poderiam perturbar-nos não são sequer tocados.<sup>10</sup>

Em quarto lugar, e este ponto é muito importante, há uma diferença na maneira pela qual cada uma dessas tendências encara a filosofia tradicional. Sexto Empírico considera que há três tipos principais de filosofia, a saber, o Dogmatismo, a Academia e o Ceticismo (1948: I, 4). O Dogmatismo afirma ter encontrado a verdade; a Academia afirma que a verdade é inatingível; o Ceticismo ainda investiga (id.: I, 1-3). Ora, o que caracteriza os dois primeiros tipos de filosofia é que ambos afirmam alguma coisa, seja em sentido positivo, como o faz o Dogmatismo, seja em sentido negativo, como o faz a Academia. Em virtude disso, os dois tipos de filosofia constituem, em última análise, variantes de uma posição dogmática. E o cético diagnostica a causa do dogmatismo filosófico como sendo a precipitação (propéteia).

O Segundo Wittgenstein, em contraste, age como se houvesse apenas dois tipos principais de filosofia. O primeiro deles compreende todos os três espécimes da divisão de Sexto. Aquilo que o Dogmatismo, a Academia e o próprio Ceticismo têm em comum e permite colocá-los no mesmo grupo é a aceitação do problema filosófico como tal. É certo que estes três tipos de filosofia assumem atitudes diferentes com respeito a esse problema: o Dogmatismo dá uma resposta positiva, a Academia, uma negativa, e o Ceticismo entra em suspensão. Mesmo assim, as três filosofias se baseiam naquilo que poderia ser considerado uma nova forma de dogmatismo indicada por Wittgenstein: a pressuposição de que a lógica da linguagem é tal que o problema pode ser formulado da forma que o foi. Já o segundo tipo principal de filosofia, conforme a classificação de Wittgenstein, corresponde à atividade de clarificação desenvolvida pelas "Investigações". Aqui, ao invés de enfrentar a questão sobre a essência da coisa, como o fazem as filosofias anteriores, tenta-se responder à questão sobre o uso das palavras envolvidas e consegue-se, assim, dissolver o problema. Em virtude disso, Wittgenstein diagnostica a causa dessa nova forma de dogmatismo que ele descobriu como sendo a própria dinâmica do funcionamento da nossa linguagem. Esta dinâmica é tal que facilmente enfeitiça o nosso entendimento, gerando falsos problemas e correspondentes falsas soluções. Neste sentido, o cético está tão enfeitiçado pela linguagem como seus adversários dogmáticos e acadêmicos.

---

<sup>10</sup> Resta ainda lembrar que, se é verdade que Wittgenstein permaneceu um místico por toda a sua vida, então a terapia proposta nas "Investigações" nada mais é do que uma forma de proteger, no domínio daquilo que deve ser silenciado, um tipo de vivência filosófica que produz uma "felicidade" que é muito diferente da ataraxia pirrônica.

### III - As semelhanças superficiais entre o Pirronismo e o Segundo Wittgenstein

O desconsiderar as diferenças fundamentais que acabei de apontar entre as duas filosofias faz com que inadvertidamente se tomem determinadas semelhanças entre ambas como profundas, quando na realidade elas são apenas superficiais ou nem sequer existem. No que segue, darei alguns exemplos dessas aproximações indevidas.

Primeiro, costuma-se dizer que ambas as filosofias eliminam perturbação intelectual causada por um dado problema através do abandono do mesmo (Smith 1993: 178). Este abandono, todavia, é radicalmente diferente em cada caso. O pirrônico inicialmente esbarra com a equipolência de teses opostas em todas as investigações que empreende. Neste momento, ele tem diante de si vários problemas para os quais não encontra solução. No estágio seguinte, o pirrônico perde a paciência, abandona todos os problemas de uma vez só e entra em estado de suspensão. Isto se dá não mais no nível da teoria, mas da ação. Ele toma a decisão prática de rejeitar os problemas teóricos da filosofia. Ao fazer isso, atinge a ataraxia e, a partir de agora, encontra-se em um novo registro argumentativo: seu objetivo principal é conservar a ataraxia através da defesa do estado de suspensão. Aqui, os problemas existem, mas não parecem ter solução – e é isto que leva ao seu abandono. Em virtude disso, quando se encontra diante de um argumento dogmático para o qual não encontra resposta, o pirrônico alega que a força de tal argumento é apenas provisória, pois a qualquer momento pode aparecer um argumento contrário de força igual. Já Wittgenstein inicialmente questiona a formulação do problema filosófico a partir dos critérios estabelecidos para o uso das palavras na linguagem cotidiana. Este questionamento leva à conclusão de que o problema foi formulado a partir de uma incompreensão básica do funcionamento da nossa linguagem. Em outras palavras, Wittgenstein mostra que o problema corresponde a um equívoco linguístico. Assim, ele descarta o problema depois de mostrar que o mesmo de fato não existe. O estado de suspensão se segue à dissolução do próprio problema. Uma questão filosófica inexistente não precisa de solução: é este fato que leva a descartá-la. Como se pode ver, antes de entrar em suspensão, o pirrônico aceita a questão a nível teórico; só depois ele a rejeita a nível prático. Mesmo ao entrar em suspensão, o fantasma da questão filosófica continua a assombrá-lo a ponto de levá-lo a apelar para o argumento da provisoriedade da força de um argumento dogmático contra o

qual não consegue estabelecer equipolência. Wittgenstein, por sua vez, permanece o tempo todo no nível prático da análise do uso das palavras. Ao questionar a formulação filosófica do problema, ele se recusa a aceitar de imediato o nível teórico proposto, avaliando-o com base no nível prático do uso corrente. Contrapondo o uso filosófico ao uso cotidiano, ele consegue mostrar o equívoco do primeiro e restabelecer o segundo em toda a sua plenitude. O fantasma do problema se desvanece com o próprio problema.<sup>11</sup>

Nesta perspectiva, aproximar estas filosofias através das semelhanças entre as metáforas que constituem as suas respectivas marcas registradas também é equivocado. Sexto Empírico descreve o argumento que o cético contrapõe ao argumento contrário como uma "droga purgativa" que expelle não apenas o argumento contrário, mas também a si própria (1948: II, 188). Wittgenstein afirma que seu objetivo na filosofia é "mostrar à mosca a saída da garrafa" (1953: 309). · primeira vista, parece perfeitamente possível construir a seguinte analogia: assim como a terapia pirrônica mostraria à mosca a saída da garrafa, da mesma forma a terapia wittgensteiniana possuiria um efeito purgativo. Existe, porém, uma diferença que, embora sutil, é digna de nota. No caso do Pirronismo, a metáfora da droga purgativa é válida porque, para fazer efeito, a droga deve primeiro ser ingerida, ou seja, para se defender o estado de suspensão, deve-se enfrentar o problema filosófico nos termos em que foi formulado: só assim se consegue estabelecer a equipolência das teses contrárias. Em Wittgenstein, a metáfora da garrafa é válida porque, para sair da prisão em que se encontra, chocando-se desesperadamente contra o vidro transparente, deve-se fazer a mosca perceber que se trata de uma falsa prisão, que a saída consiste justamente em evitar as paredes de vidro e voar em direção ao gargalo. Em outras palavras, para eliminar a inquietação filosófica profunda, que não é senão o chocar-se contra equívocos gramaticais, deve-se fazer a pessoa perceber que está lidando com um falso problema, que a saída consiste em observar as regras do uso das palavras nos jogos de linguagem a que pertencem. Como se pode ver, as metáforas consideradas diferem em espírito. O argumento que o cético contrapõe ao argumento contrário para assim estabelecer a equipolência, defender a suspensão e conservar a ataraxia não constitui um "mostrar à mosca a saída da garrafa" no sentido wittgensteiniano. Esta metáfora só teria validade

---

<sup>11</sup> Neste sentido, considero equivocada a opinião de Danilo Marcondes, que assim caracteriza a atividade filosófica do Segundo Wittgenstein: "a kind of sceptical strategy, examining and discussing other theories 'from within', questioning them, showing their difficulties, their problematic character, not because they give the wrong answers, but because they pose inadequate questions" (s/d: 11). Wittgenstein não questiona as teorias filosóficas 'de dentro' delas mesmas. Na verdade, ele as questiona 'de dentro' da perspectiva do uso comum das palavras e assim mostra a sua inadequação. Isto certamente não deve ser definido como "um tipo de estratégia cética".

aqui se reinterpreta da seguinte maneira: cansada de chocar-se contra o vidro transparente, a mosca pirrônica subitamente pára, frustrada e desanimada; neste momento, num lance de sorte, ela consegue uma paz semelhante à que possuía antes de inadvertidamente entrar na garrafa. Isto não significa, porém, que ela tenha vislumbrado a saída que se encontra no gargalo: desde que permaneça em paz, ela pode passar a vida inteira dentro da garrafa. Isto porque a condição para preservar a tranquilidade não é sair da garrafa, mas deixar de debater-se contra suas paredes transparentes. Ora, essa reinterpretação constitui uma nova metáfora, bastante diferente da original. De modo análogo, a análise do uso linguístico que Wittgenstein realiza com o objetivo de dissolver o problema filosófico e atingir a tranquilidade também não deve ser entendida como uma "droga purgativa" no sentido pirrônico. Com efeito, ao recusar responder diretamente à pergunta 'o que é x?', substituindo-a pela questão 'como se usa a palavra 'x'?' Wittgenstein evita desde o início - e de maneira bastante efetiva - o comprometer-se com o problema filosófico que causou a intranquilidade. Neste sentido, ele não ingere o purgante e, ao invés, mostra que a doença não é real, reduzindo-a a um mero sintoma de hipocondria. Portanto, embora aparentemente análogas, as metáforas consideradas diferem profundamente no espírito que as inspira.<sup>12</sup>

Segundo, é certo que ambas as filosofias conseguem refrear a tendência dogmática à parcialidade porque chamam a atenção para outros aspectos também envolvidos no problema considerado (Smith 1993: 173). Mas o pirrônico faz isto por meio da técnica de opor um argumento negativo a outro positivo e vice-versa. Assim, ele chama a atenção para a tese oposta àquela que lhe foi apresentada pelo filósofo dogmático, mostrando que ambas são equipolentes. Wittgenstein, por sua vez, recorre à técnica de opor um uso linguístico a diversos outros, contrabalançando, desse modo, a dieta linguística unilateral que desorientou o filósofo dogmático e o levou a formular o falso problema. Portanto, Wittgenstein chama a atenção não para a tese oposta, mas para o correto uso linguístico, mostrando os equívocos gramaticais que induziram à formulação do pseudo-problema.

---

<sup>12</sup> Para aproximar Wittgenstein do Pirronismo, costuma-se evocar também a famosa metáfora da "escada", que ocorre no "Tractatus" (1974: 6.54) e no "Contra os Matemáticos" de Sexto (VIII, 481) (Cf. Smith 1993: 172). Essa aproximação, contudo, extrapola os limites da presente discussão, pois envolve a consideração da filosofia do Primeiro Wittgenstein. De qualquer modo, gostaria que sugerir que qualquer aproximação do Pirronismo com a filosofia tractatiana também constitui um equívoco. Com efeito, o "Tractatus" afirma que o ceticismo é um contra-senso porque levanta dúvidas onde nenhuma questão pode ser perguntada (1974: 6.51). É verdade que alguns autores alegam que o ceticismo a que Wittgenstein se refere neste aforisma não é o pirrônico. Mas acho muito difícil, se não impossível, provar que o Pirronismo não esteja incluído na caracterização geral do ceticismo como atividade de "levantar dúvidas" que ali é feita.

Terceiro, é também verdade que a terapia usada em ambas as filosofias exige certa habilidade (id.: 173). Entretanto, a habilidade exigida pelo ceticismo é radicalmente diversa daquela requerida pelo método wittgensteiniano. Com efeito, o cético deve ser capaz de localizar e organizar os argumentos possíveis com respeito a uma dada questão, estabelecendo uma oposição equilibrada entre eles e assim alcançando a suspensão. Neste sentido, o que se exige do cético pirrônico é a habilidade de localizar e contrapor argumentos, com a finalidade de anulá-los ao final. No caso de Wittgenstein, porém, o investigador deve ser capaz de localizar e organizar os diferentes usos linguísticos das palavras envolvidas pelo problema. Não se trata aqui de estabelecer uma oposição equilibrada entre grupos de argumentos, mas sim de mostrar, através da exibição de usos corretos das palavras, que o uso ligado ao problema filosófico é equivocado. Neste sentido, o que se exige do investigador wittgensteiniano é a habilidade de observar cuidadosamente o funcionamento da linguagem, daí extraíndo exemplos relevantes para a dissolução do problema filosófico.

Quarto, é igualmente possível dizer que estas filosofias não envolvem doutrinas, mas constituem atividades terapêuticas (id.: 174), as quais, além disso, são infundáveis (id.: 177). Realmente, tanto o cético pirrônico como Wittgenstein se abstêm de propor teses filosóficas; suas análises dos problemas acabam por deixá-los de lado. Além disso, como as investidas dogmáticas são infundáveis, as tarefas terapêuticas a que ambas as correntes se propõem se tornam também infundáveis. Não nos esqueçamos, contudo, da diferença nos espíritos que animam tais terapias. Depois de entrar em suspensão, o cético pirrônico, em virtude de seu amor aos homens, tenta curar pelo raciocínio a presunção e a precipitação dos dogmáticos (Sexto 1948: III, 280). Para isso, sempre que um dogmático lhe apresenta um argumento, ele usa o método das antinomias para opor-lhe um argumento contrário de força igual. Assim agindo, ele defende a sua ataraxia e induz o adversário a entrar em suspensão. No caso de Wittgenstein, sempre que um filósofo lhe apresenta um argumento, ele usa o procedimento de questionar a formulação do próprio argumento através da análise do uso cotidiano das palavras. Com tal procedimento, ele dissolve o problema e recupera a tranquilidade original. Embora o resultado final dessas terapias seja aparentemente semelhante, os diagnósticos, os métodos terapêuticos e a qualidade da cura são muito diferentes nos dois casos.

Quinto, pode-se afirmar que ambas as filosofias admitem e recomendam o uso das palavras em seus sentidos habituais, mas rejeitam o discurso comprometido com a metafísica, o discurso que pretende dizer o que as coisas realmente são (id.: 175-6). Embora esta seja uma afirmação

verdadeira em um sentido muito genérico, é preciso lembrar a maneira pela qual cada uma dessas filosofias entende tal afirmação. Sem dúvida, o pirrônico em estado de suspensão rejeita uma dada proposição metafísica. Mas ele faz isto só depois de aceitar a formulação metafísica do problema e contrapor outra proposição metafísica àquela que lhe foi apresentada. Mesmo depois de optar pela suspensão, a investigação pirrônica transita arriscadamente pelos domínios da própria metafísica. É a equipolência de proposições metafísicas que garante a epoché. Neste sentido, o uso das palavras em seus sentidos habituais constitui, no máximo, uma espécie de resíduo final da investigação cética. Todavia, como já foi dito, o pirrônico retorna ao uso ordinário das palavras mais ou menos por acaso, só porque a aventura do uso metafísico foi mal sucedida. Para o cético, o uso ordinário não constitui critério da análise filosófica, mas sim o que restou depois de uma análise que foi muito além dele. No caso de Wittgenstein, a proposição metafísica é rejeitada porque constitui uma extrapolação do uso ordinário das palavras. Isto equivale a rejeitar a formulação metafísica do problema e torna absolutamente desnecessária a tarefa de contrapor uma proposição metafísica a outra. Assim, ao dissolver o problema que originou a intranquilidade, a análise wittgensteiniana evita o risco pirrônico de transitar pelos domínios da própria metafísica. Não é a equipolência de proposições metafísicas que leva à epoché, mas sim a constatação de que a formulação do problema metafísico originou-se da má compreensão do uso ordinário das palavras. Neste sentido, o uso das palavras em seus sentidos habituais constitui não o resíduo final da investigação, mas o próprio ponto de partida e critério da análise filosófica, que se extravia todas as vezes que vai além dele.<sup>13</sup>

Sexto e último, pode-se finalmente afirmar que, embora os diagnósticos e respectivas terapias sejam diferentes, as duas filosofias concordam em que a vida passa muito bem sem a filosofia dogmática (id.: 177). Esta é, em minha opinião, mais uma analogia enganadora. De fato, o que se pretende mostrar com ela é que, apesar das diferenças visíveis, o efeito final das duas filosofias é o mesmo, a saber, o abandono do problema filosófico e o retorno à vida comum. Esta conclusão só pode ser obtida desprezando-se as diferenças e enfatizando as semelhanças nos resultados de cada uma das filosofias. Basta lembrar, contudo, que o pirrônico inicialmente aceita o nível filosófico dos problemas investigados, em detrimento da vida comum. Depois, em desespero, ele abandona a esperança de resolver tais problemas. Só então, ao atingir a paz, ele retorna à vida

---

<sup>13</sup> Danilo Marcondes considera que o tema wittgensteiniano de que "nada está escondido" (Wittgenstein 1958: I, 435) é análogo às objeções pirrônicas ao "escondido" (tó ádelon) (Marcondes s/d: 12). Mas é importante lembrar que o cético pirrônico jamais diria "nada está escondido": essa é uma tese dogmática da Academia. Wittgenstein pode dizer isso porque sua descrição do uso comum das palavras dissolve o problema e revela que nada está escondido para além dos jogos linguísticos que praticamos em nossa forma de vida.

comum. Wittgenstein nunca abandona o nível desta última, questionando os problemas filosóficos a partir dela. A filosofia tradicional surge como uma doença cuja causa é o afastamento indevido da vida comum. Ela constitui a fortaleza na qual Wittgenstein se refugia desde o início, em contraposição ao pirrônico, que acaba por refugiar-se na suspensão. Assim, embora os resultados obtidos em cada caso sejam superficialmente semelhantes, as maneiras diferentes através das quais eles são obtidos refletem a radicalidade das diferenças de espírito entre ambas as filosofias.

Como se pode ver, as semelhanças consideradas acima, uma vez analisadas com maior cuidado, revelam-se todas superficiais. Nenhuma delas emana da identidade de princípios que sustentam as filosofias comparadas. Na verdade, o espírito do ceticismo pirrônico é muito diverso daquele da filosofia do Segundo Wittgenstein. Neste sentido, espero ter deixado claro que as semelhanças correspondem muito mais a coincidências felizes, ocasionais, do que a manifestações de alguma ligação mais profunda. Extrair algum parentesco a partir de tais semelhanças acidentais seria o mesmo que equiparar a medicina alopática com a homeopática: é certo que as duas constituem terapias e que seu objetivo final é a cura do paciente; mas o espírito que as anima é totalmente diverso.

#### IV - Observações finais

Em sua comparação das duas filosofias, Plínio Smith sugere que o pensamento do Segundo Wittgenstein, embora não seja estritamente pirrônico, constitui um avanço em relação ao ceticismo, pois propõe um novo modo de alcançar a ataraxia: a dissolução do problema (id.: 180). A idéia de que a origem do dogmatismo está no discurso já se encontra em Sexto. Wittgenstein acrescentaria a novidade de que os problemas filosóficos dogmáticos são devidos a um mau funcionamento da linguagem (id.). Neste sentido, o pensador austríaco ofereceria um novo modo de alcançar a ataraxia e estaria promovendo, com isso, uma espécie de renovação original da tradição pirrônica (id.).<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Mais à frente, no final de sua argumentação, Plínio Smith faz a seguinte observação: "Se, para gostos modernos, Wittgenstein é mais radical, para gostos pirrônicos, a dissolução do problema e o dar a questão da verdade por encerrada podem ter o sabor de um dogmatismo negativo de tipo acadêmico" (1993: 183). Estas palavras, além de parecerem contradizer o que tinha sido dito à p. 180, cometem uma injustiça para com Wittgenstein. De fato, dissolver um problema filosófico específico por meio de uma terapia

Se, porém, a comparação que acabei de fazer está correta, o que podemos de fato dizer é que a renovação proposta pelo Segundo Wittgenstein é tão grande que sua filosofia constituiria uma verdadeira revolução em relação a qualquer forma de Pirronismo. Ele não estaria criando novos caminhos para este último, mas sim reduzindo-o a uma das formas possíveis de enfeitamento pela linguagem. Através da análise do uso das palavras, seria possível mostrar que as diversas equipolências de teses dogmáticas opostas nada mais são do que falsos problemas. Desse modo, o salto dado pelo pirrônico em direção à suspensão e à ataraxia seria desnecessário. Além disso, até mesmo quando em suspensão, o pirrônico não precisaria defender-se de um argumento dogmático aparentemente inexpugnável apelando para a sua provisoriedade. Parece que nesta perspectiva teríamos condições de dispensar a suspensão pirrônica e atingir uma ataraxia mais completa e de melhor qualidade.

Por conseguinte, podemos dizer que o "parentesco" entre o Segundo Wittgenstein e o Pirronismo é do mesmo tipo que aquele que Sexto estabelece entre o Pirronismo e a Nova Academia. Trata-se sem dúvida de filosofias que apresentam certos paralelismos e certos entrecruzamentos. Mas Sexto faz questão de distingui-las, marcando as suas diferenças radicais e assim revelando a superficialidade das suas semelhanças (1948: I, 216-35). Ele procura deixar claro que estas últimas dependem mais de felizes coincidências do que de uma real afinidade de espírito. Desse modo, pode-se constatar que, embora o Pirronismo e a Nova Academia passem muito bem sem a filosofia dogmática, ambos chegam a este resultado de maneiras radicalmente diversas. O Pirronismo preconiza a suspensão e evita qualquer posição dogmática. A Nova Academia também atinge uma forma de suspensão com respeito à filosofia dogmática, mas só depois de afirmar dogmaticamente que nada podemos conhecer. É em nome dessa diferença, por mais sutil que ela seja e apesar da atitude final de ambas as filosofias face ao dogmatismo positivo ser a mesma, que Sexto procura marcar claramente a oposição entre o Pirronismo e a Nova Academia. De maneira análoga, o Pirronismo e o Segundo Wittgenstein apresentam paralelismos e entrecruzamentos que, no final das contas, se revelam antes como meras coincidências do que como concordâncias profundas em princípios essenciais. Foi com o mesmo espírito de Sexto Empírico que busquei estabelecer uma distinção clara entre essas duas tendências filosóficas, enfatizando suas diferenças

---

específica não acarreta e nem é acompanhado pelo "dar a questão da verdade por encerrada". Convém não esquecer que a terapia wittgensteiniana é uma atividade interminável que não envolve qualquer dogmatismo.

para melhor destacar suas semelhanças apenas superficiais. Espero estar assim contribuindo para evitar o tipo de caracterização que faz Porchat, quando diz:

o pirronismo é, basicamente, uma crítica da linguagem e de seus mitos, ele luta para quebrar o feitiço que amarra os homens a uma linguagem em férias... (sic!) (Porchat 1993: 205).

Se minha interpretação está correta, então o retrato acima é absolutamente equivocado. Buscar uma aliança com Wittgenstein é uma tática argumentativa compreensível para uma tendência que, como o Neopirronismo, busca fortalecer sua posição nos dias de hoje. Mas, na medida em que a finalidade principal consiste em fazer reviver uma atividade filosófica tão original quanto o Pirronismo, talvez isto não seja necessário. Ademais, espero ter deixado claro que Wittgenstein não é um verdadeiro amigo dos pirrônicos e nem dos neopirrônicos. Talvez fosse mais sensato encará-lo não como um aliado em potencial, mas sim como um perigoso inimigo, capaz de produzir dissensões nas fileiras céticas através de conversões súbitas pela via do desenfeitamento linguístico.

#### Referências Bibliográficas

- Marcondes, D. (s/d). Finding one's way about: high windouws, narrow chimneys and open doors. Wittgenstein's "scepticism" and philosophical method. Manuscrito não publicado.
- Marcondes, D. (1994). A "felicidade" do discurso cético: o problema da auto-refutação do ceticismo. Cadernos do Depto de Filosofia da PUC-RJÁ1994 (8): 131-144.
- Olaso, E. (1988). Zetesis. Manuscrito 1988 XI(2): 7-32.
- Porchat, O. (1993). Vida comum e ceticismo. S. Paulo, Brasiliense.
- Smith, P.J. (1993). Wittgenstein e o Pirronismo: sobre a natureza da filosofia. *Analytica* 1993 (1): 153-186.
- Sexto Empírico (1948). *Hypotyposes Pyrrhoniennes*. In: *Oeuvres Choisies de Sextus Empiricus*. Traduites par J. Grenier et G. Goron. Paris, Aubier, Éd. Mouton.
- Watson, R.A. (1969). Sextus and Wittgenstein. *Southern Journal of Philosophy* 1969 7(3):

- Wittgenstein, L. (1974). *Tractatus Logico-Philosophicus*. Transl. by D.F. Pears & B.F. McGuinness. With the Introduction by B. Russell. London, Routledge & Kegan Paul.
- Wittgenstein, L. (1958). *Philosophical Investigations*. Transl. by G.E.M. Anscombe. Oxford, Basil Blackwell, 2nd. ed.